



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

EIXO TEMÁTICO: Fundamentos da Educação: História, Filosofia e Sociologia da Educação
FORMA DE APRESENTAÇÃO: Resultado de Pesquisa

O BEM E O MAL: A DISPUTA PEDAGÓGICA PELA ALMA INDÍGENA NO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DAS AMÉRICAS

Leandro Lente de Andrade¹

Resumo

A dicotomia entre o Bem e o Mal presente na mentalidade europeia é materializada no encontro entre o Velho Mundo cristão e o Novo Mundo sob domínio das forças malignas. Tais representações e explicações de ordem metafísicas possuem dimensão educacional, em que o Bem é materializado na atuação dos missionários católicos e o Mal na ação do Diabo e seus instrumentos de engano – os caraíbas e pajés. É nesse recorte que o trabalho é proposto, tendo como fonte as cartas jesuíticas do século XVI.

Palavras Chave: Educação; Bem; Mal; Disputa; Representações.

INTRODUÇÃO

A predominância do pensamento cristão na Idade Média na Europa, como foi visto, também incorpora as noções gregas de selvagem e bárbaro. Como é próprio das conciliações produzidas no acordo entre a fé e a razão, a filosofia é moldada para adequar-se à teologia cristã. Nesse sentido, “la teologia, que intentaba atrapar en sus redes los mitos paganos, se inclinaba por suponer influencias satánicas e infernales en el comportamiento de los salvajes” (BARTRA, 1992, p. 102). As interpretações das causas dos comportamentos dos grupos alheios à fé cristã ganhavam um novo elemento oriundo de um mundo bipolarizado. A dicotomia entre o Bem e o Mal daria contorno as explicações de ordem natural.

A Companhia de Jesus reforçaria a divisão entre os dois poderes em conflito. A espiritualidade inaciana tinha como fundamento, no processo de “gestação” dos companheiros, a escolha entre o estandarte de Cristo ou o estandarte do Maligno nos *Exercícios Espirituais*.² O propósito das missões era, de fato, uma disputa territorial com os

¹Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. leandroandrade@hotmail.com

²Gambini (2000), analisando os *Exercícios Espirituais* do ponto de vista da psicologia, afirma: “o meditante era incentivado a usar seus sentidos imaginários para visualizar o Inferno com todos os seus detalhes climáticos, temperaturas, sons, odores etc. Psicologicamente, esse exercício corresponderia a uma projeção por meio da função de sensação, isto é, trata-se de um treino da sensação para produzir uma percepção do mundo dogmaticamente prescrita em vez de realista” (p. 123). A frequente inculcação dogmática, moldaria a percepção de mundo do jesuíta com base nessas experiências. As experiências do imaginário reforçariam os dogmas da teologia cristã.



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

demônios, os quais na Europa eram representados pelos protestantes; ao sul, pelos mouros e turcos; e, nas Américas, pelos ameríndios. Não é à toa que os companheiros eram conhecidos como soldados de Cristo, diante de seu treino, sua disciplina militar e atuação na linha de frente do “campo de batalha”. Se na Europa os jesuítas participavam da guerra espiritual contra os protestantes e as várias facetas do império do diabólico, “no Brasil, o trabalho de conversão era *a priori* concebido como uma guerra santa contra o demônio” (GAMBINI, 1988, p. 159).

METODOLOGIA

Como o trabalho trata de algo que ocorreu no passado, toda a metodologia é histórica, cuja forma de utilização dos resultados é básica, por suas contribuições na compreensão e avanço do conhecimento científico não visarem aplicação prática. No que tange o nível de interpretação a ser realizado, a pesquisa pode ser classificada como qualitativa, com objetivos tanto descritivos quanto explicativos. Tomo com princípio metodológico de que o conteúdo analisado deva “ser obtido a partir da realidade concreta, com dados fornecidos por personagens que viveram naquele ambiente” (CASIMIRO, 2006, p. 9). Portanto, obviamente, as fontes consultadas são, quando não diretas dos sujeitos quinhentistas, dos escritos de autores que estiveram envolvidas no contexto do século XVI. E, ainda, ao recorrer a historiografia, me apropriarei de estudiosos que também tiveram como princípio a sustentação de seus argumentos com base nas fontes documentais primárias.

Parto do pressuposto teórico de que a História deva ser lida e interpretada tendo em vista a produção material do homem. Tal como, pioneiramente, Marx (2004, p. 115 et seq.) inaugurando o que seria chamado por Engels de materialismo histórico e, contemporaneamente, pelo representante da História Cultural francesa, Roger Chartier (2002, p. 75-76): deve-se negar a compreensão histórica idealista de Hegel. Não obstante, a História não se resume às relações econômicas. Diante do complexo contexto que o recorte é proposto, cabe uma abordagem cultural, não culturalista (CASTANHO, 2010). A importância do diálogo com outras áreas do conhecimento, tal como a Antropologia, a Literatura, a Psicologia, etc. como ferramentas a serem utilizadas na compreensão da realidade objetiva, por meio da leitura crítica das fontes. Assim sendo, sigo a interpretação dos documentos levando em consideração aquilo que João Adolfo Hansen (1995) chamou de fundamentos retóricos “teológico-políticos”.

No que diz respeito ao encadeamento das discussões toma-se a liberdade de transitar entre o singular e o todo, entre os conceitos e as teorias, entre os documentos e a historiografia, entre o objeto e o seu entorno, entre o texto e o contexto; pois, “a parte não exclui o todo, nem a totalidade exclui a parte” (CASIMIRO, 2006, p. 10). Entendendo, assim, que a decomposição da ciência não possui uma finalidade em si mesma, mas que faz um retorno útil ao todo (social, econômico etc.), diante da compreensão das relações humanas de escala geográfica menor e um reduzido espaço de tempo (BRAUDEL, 2005).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Imerso nas trevas era a condição do índio. Desde seu corpo, suas vestes e ornamentos, sua casa, seus utensílios, seus instrumentos, sua música, suas festas tudo coberto pela escuridão. Todo conteúdo que contraria o cristianismo é tomado como mentiroso e,



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

obviamente, possui uma figura maligna por trás. “dizen muchas cosas falsas y mentiras que *el demônio, su padre, les enseña*” (LEITE, 1956, p. 384, *grifo meu*)³. Todo o conhecimento indígena que contrariasse o cristianismo era mentiroso, logo, também seria do Diabo, o pai da mentira (Jo 8:44). Para o jesuíta, o demônio estaria ao redor do cristão, como um leão que ruge, buscando a quem devorar (1 Pe 5:8); já o nativo, certamente, estaria sendo mastigado pelas hostes satânicas.

A dicotomia seria transformada em arte pedagógica no teatro de Anchieta. No *Auto da pregação universal*, teatro estudado por Paulo Romualdo Hernandez (2008), o Bem e o Mal encontrariam seus personagens e estariam presentes na disputa pelos índios por todo o enredo. O auto “encena o combate dialógico entre as figuras do Mal, os *añanga* Guaixará e Aimbirê e seus aliados, contra as do Bem, *Karaibebé* e seus aliados” (HERNANDES, 2008, p. 32). Semelhantemente,

no *Auto representado na festa de São Lourenço*, o jesuíta iniciou a encenação com um martírio. Depois da morte do santo, Guaixará, o rei dos diabos, conclamava Aimbirê e Saraiva, seus comparsas para perverter uma aldeia (RAMINELLI, 1996, p. 114).

Diante da encenação, o índio parece ser posto, por Anchieta, como neutro espiritualmente; daí a disputa ferrenha entre os representantes do Bem e do Mal. A inconstância também seria vista como uma oscilação entre as forças opostas. Desconsiderando, portanto, todo traço da cultura indígena e seus diferentes parâmetros interpretativos do mundo, que explicariam suas práticas; o nativo é visualizado ante a um mundo compartimentado, o até mesmo “maniqueísta” no *lato sensu*, entre o Bem e o Mal cristão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O distanciamento entre a revelação havia degenerado o índio, a teologia natural não era capaz de produzir bons frutos longe tutela da Igreja. Portanto, a educação cristã era seria vista, por Simão de Vasconcelos, como um resgate do nativo da sua condição degenerada. Na teoria, o fazer educacional jesuíta é profundamente enraizada em suas bases escolásticas. Ao que tudo indica, os padres não sabiam, mas a conversão do índio iria muito além daquilo que a educação jesuíta trabalhou: a mera repetição da doutrina, da aplicação dos sacramentos, da inibição de certos costumes etc. A conversão deveria alterar as categorias de compreensão da realidade que o índio firmemente possuía, incrustada em sua cultura. Converter o índio implicaria em fazê-lo adotar a temporalidade cristã, a relação entre o passado em declínio e a restauração no futuro.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA – *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

³Carta dos meninos órfãos escrita pelo Pe. Francisco Pires (Baía) ao Pe. Pero Doménech (Lisboa), em 5 de agosto de 1552.



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

- BARTRA, Roger. *El salvaje en el espejo*. Universidade Nacional Autónoma de México Coordinación de Difusión Cultural Ciudad Universitaria, México, D. F.: Ediciones Era, 1992.
- BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais. A longa duração. In: *Escritos sobre a história*. Trad. Jacó Guinsburg e Tereza da Mota. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos. Mediações entre educação, história e cultura no Brasil colonial. In: *História, cultura e educação*. LOMBARDI, J. C.; et. al. (orgs.). Campinas: Autores Associados, 2006.
- CASTANHO, Sérgio. *Teoria da história e história da educação* – por uma história cultural não culturalista. Campinas: Editora Autores Associados, 2010.
- CHARTIER, Roger. História cultural: entre práticas e representações. 2ª ed. Alges-PT: DIFEL, 2002.
- GAMBINI, Roberto. *Espelho índio: a formação da alma brasileira*. São Paulo: AxisMundi / Terceiro Nome, 2000.
- _____. *O espelho índio: os jesuítas e a destruição da alma indígena*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.
- HANSEN, João Adolfo. *O nu e a luz: cartas jesuíticas do Brasil*. Nóbrega - 1549 – 1558. Rev. Inst. Est., SP, 38:87-119, 1995.
- HERNANDES, Paulo Romualdo. *O teatro de José de Anchieta: arte e pedagogia no Brasil Colonial*. Campinas: Editora Alínea, 2008b.
- LEITE, Serafim. MONUMENTA BRASILIAE v. I (1538-1553) In: *MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESU volumen. 79*. Monumenta Missionum Societatis Iesu vol. X, Missiones Occidentales. Org.: Serafim Leite. Romae: Via dei Penitenzieri, 20, 1956.
- LOYOLA, Inácio de. *Exercícios Espirituais*. Tradução: Vital Cordeiro Dias Pereira, S. J. 3. ed. Braga-PT: Livraria Apostolado da Imprensa, 1999.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- RAMINELLI, Ronald. *Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.